

# A QUALIDADE DO LUGAR NOS RESIDENCIAIS PARA IDOSOS

## RESIDENCE QUALITY IN HOUSING FOR THE ELDERLY

Siva Alves Bianchi<sup>1</sup>

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Tratar da relação entre a qualidade do ambiente construído e envelhecimento no processo de produção do espaço habitacional é o foco deste artigo. A preocupação com a qualidade projetual das Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs e o baixo conhecimento do arquiteto sobre as deficiências do idoso tornam a pesquisa um tema de relevância social. O trabalho é fruto de uma pesquisa exploratória com base na percepção ambiental e enfoque nas relações pessoa-ambiente e trata de questões de convivialidade, espaciosidade e segurança através da fala dos idosos em duas instituições, na Cidade do Rio de Janeiro. Pretende-se desmistificar a ideia negativa sobre esse tipo de residência e refletir sobre a importância de aspectos como a autonomia e a preservação dos hábitos socioculturais dos usuários para a qualidade dessas residências.

**PALAVRAS-CHAVE:** qualidade do lugar; Instituição de Longa Permanência para Idosos; percepção ambiental.

**ABSTRACT:** *The focus of this paper is to address the relationship between the quality of the built environment and the effect of aging in the housing space production process. The concern with the design quality of these institutions and the architects' lack of knowledge about the elderly's disabilities, give social relevance to the research. The work is an unfolding of an exploratory investigation based on environmental perception and dealing with people-environment interrelation; it deals also with conviviality, space and safety issues, through the lenses and speech of the elderly of two institutions in the city of Rio de Janeiro. We intend to demystify the negative idea regarding this type of housing, and to reflect on the importance of aspects related to autonomy and the preservation of the users' sociocultural habits to ensure the quality of their dwellings.*

**KEYWORDS:** *quality of place; Housing for the elderly; environmental perception.*

“A casa é a mais comum de todas as edificações”, diz Lee (1977, p. 74), cujo objetivo é permitir a seus moradores um ambiente para múltiplas atividades sociais. Essa observação sugere que o projeto de uma residência a torne flexível uma vez que a pessoa, com o passar do tempo, altera sua compleição, atividades e interesses.

1 Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. [sivabianchi@gmail.com](mailto:sivabianchi@gmail.com)

2 Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ. [gisellearteiro@globocom.com](mailto:gisellearteiro@globocom.com)

A moradia própria para pessoas idosas deve ser encarada como uma das atuais preocupações de nossa sociedade, porquanto as estatísticas demográficas observam uma progressão acentuada do envelhecimento populacional no Brasil e no mundo, consequência feliz dos progressos sociais e da medicina, entre outros. A sociologia constata, entretanto, grande alteração no modo de vida e comportamento familiar a partir da metade do século XX em relação às gerações anteriores. A necessidade da mulher trabalhar fora de casa, e das crianças irem para escola mais cedo, leva o idoso, por vezes, ao isolamento e à solidão com a redução do grupo familiar. Diferentemente do passado, hoje, muitos idosos moram sós.

A pesquisa do Instituto DataPoplar<sup>3</sup> revela que os brasileiros com mais de 60 anos sonham em viver ao lado de companheiros que saibam compartilhar bons e maus momentos, e reclamam do mau humor, do egoísmo, da frieza e do desrespeito com que são tratados, principalmente pelos mais jovens. Essa pesquisa aponta que a maioria dos idosos entrevistados tem planos para o futuro, o que inclui novas amizades, revelando pessoas ativas. Neste aspecto, o ambiente de moradia faz diferença.

Os idosos são um grupo de pessoas que chegam à última fase da vida com diferentes condições de saúde, recursos financeiros e apoio familiar, o que depende da trajetória de cada um, independentemente da melhoria da qualidade de vida e do ambiente em que vivem. Há, entretanto, entre eles, aqueles que, por não possuírem recursos, são *esquecidos* por suas famílias, ou os que não têm família e vão morar em instituições. Outros realmente desejam morar entre pessoas de sua idade ou mesmo não querem dar trabalho para seus familiares e optam por morar nelas. Enfim, o grupo de pessoas que procura casas coletivas para idosos também é heterogêneo.

A reflexão e a pesquisa sobre as Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs, em arquitetura, é um assunto novo, e deu origem à pesquisa de doutoramento sobre a Qualidade das Instituições de Longa Permanência para Idosos (BIANCHI, 2013). No Brasil, essas instituições surgiram no fim do século XIX; eram inicialmente destinadas a pessoas pobres, sem família ou doentes, geralmente ligadas a ordens religiosas. Surge aí sua valoração negativa, enquanto assistencialistas. Entretanto, com a alteração do estilo de vida, hoje elas são o reflexo de um local necessário e desejado, sejam gratuitas ou não.

Neste trabalho, é apresentada a pesquisa realizada em duas casas na cidade do Rio de Janeiro, instituições consideradas de boa qualidade e que permitiram a

---

3 Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2014-01-19>>. Acesso em: 21/03/2014.

pesquisa em suas dependências. As instituições são custeadas pelos hóspedes através do aluguel das unidades, embora uma delas também acolha idosos gratuitamente. Suas instalações são projetos arquitetônicos antigos, mas estão sempre em modificação seja para incorporar alterações propostas pelos moradores, ou em função de modernização dos ambientes, o que é apontado como qualidade pelos usuários.

Para compensar as perdas ocasionadas pela idade, a arquitetura dessas edificações não pode simplesmente se balizar pela legislação às quais estão afeitas.<sup>4</sup> Alguns idosos necessitam auxílio de profissionais qualificados para a realização de suas tarefas diárias, e a edificação precisa ter qualidade arquitetônica para ajudar o idoso a continuar independente, capaz de realizar as atividades cotidianas, preservando seus hábitos socioculturais. A qualidade arquitetônica, como a proposta de personalização dos ambientes ou da eliminação das barreiras, embora difira de pessoa para pessoa, agrada a todos.

## QUALIDADE DO AMBIENTE

A relação entre pessoas e ambiente é complexa por incorporar uma grande quantidade de sensações, emoções e sentimentos que são percebidos diferentemente por cada pessoa e sujeitas a diversas reações. Conforme Reis Cabrita “o termo qualidade ... é pouco entendido entre os arquitetos” (1995, p. 1), uma vez que abrange um valor subjetivo, inexplicável como cultura e estética. Essa pesquisa fundamenta-se no conceito de *qualidade do lugar* como um ambiente a que se atribui valor e incorpora a abordagem desenvolvida em pesquisas do grupo ProLUGAR da Universidade Federal do Rio de Janeiro, relacionando “valores, sensações e concepções relativas ao conjunto de atributos físico-formais do lugar, bem como as atividades e ações que ali são exercidas” (RHEINGANTZ & PEDRO, 2012, p. 20).

Corroborando com esses conceitos incorpora ainda o pensamento do grupo de estudos do Laboratório Nacional de Engenharia Civil de Lisboa (LNEC), liderado pelo pesquisador António Baptista Coelho, que tem como um dos grandes domínios de estudo a definição da qualidade do ambiente construído, com destaque especial para os ambientes habitacionais (COELHO, 2000). Nesses ambientes é possível desenvolver as novas formas de habitação com soluções para diversos programas arquitetônicos de serviços comuns; intervenções mais gregárias ou marcadas por exigências caracterizadas por procura específica, como o caso da união entre residência, apoio de saúde e hospitalar, sendo este caso de residenciais para

---

4 As mais relevantes são: NBR 9050; Lei nº 8.842; Lei 10.741 e RDC 283.

idosos sadios ou com alguma alteração provocada pela idade (COELHO, 2009), como os analisados no presente trabalho.

A natureza abstrata do termo *qualidade* permite que lhe sejam atribuídos significados diferentes para pessoas diferentes, ou mesmo, para a mesma pessoa em diferentes ocasiões; assim, existem diversas ‘qualidades de vida’, em que cada pessoa, naquele momento, tem seu próprio conceito. Como menciona Sandra Carli:

[...] qualidade de vida é o resultado de uma avaliação multidimensional. Pode-se perceber a importância que o ambiente construído tem na qualidade de vida do idoso, uma vez que influencia diretamente a competência comportamental e adaptativa, manifestas pelo bem-estar e satisfação com a própria vida. (CARLI, 2004, p. 4)

O termo *lugar* também proporciona aos diversos saberes conceitos diferentes. O lugar em arquitetura tem no ambiente físico um aspecto importante, mas para que um ambiente físico se torne um lugar para seus usuários há necessidade de sua apropriação. Esse envolvimento permite a identificação da pessoa com o ambiente e, no caso específico do idoso, lhe oferece segurança e principalmente autoconfiança.

Os lugares onde *gostamos* de viver são caracterizados por altas noções de dignidade, individualidade, independência, privacidade e família, pois os jovens têm vigor para modificar sua casa enquanto os mais velhos querem permanecer com suas lembranças, sem grandes alterações. Os mais velhos precisam de lugares que evoquem sua memória que lhes permitam saber quem são, o que lhes mantém a vitalidade (SCHWARZ & BRENT, 1999).

## ABORDAGEM METODOLÓGICA

A abordagem metodológica adotada pelo grupo de pesquisa ProLUGAR/FAU/UFRJ considera os aspectos subjetivos das observações ao atentar para as descobertas e significados produzidos durante o processo de interação pessoa-ambiente. Como parâmetro desta abordagem, há a necessidade de uma imersão no ambiente a ser pesquisado, de modo que o pesquisador procure não se deixar influenciar por ideias preconcebidas. O simbolismo associado ao lugar pode levar a conclusões ou mesmo a olhares que distorcem a realidade do usuário. Essa abordagem considera a cultura como um conjunto de sistemas simbólicos que define grupos sociais e “se configura como uma transformação qualitativa e um refinamento do conjunto de técnicas e instrumentos para a Avaliação do Ambiente Construído” (ALCANTARA, 2008, p. 5). Assim, é assumida a não neutralidade do pesquisador, considerando que sua experiência de vida, sua bagagem sócio-histórica e seus sentimentos fazem

parte do observar, e ao observar se permite deixar influenciar por suas sensações e sentimentos em relação ao ambiente, como as emoções e reações dos usuários (ALCANTARA, BARBOSA & RHEINGANTZ, 2006). No caso do presente artigo, este observar leva em conta a interferência dos aspectos físicos da edificação nas condições de mobilidade dos idosos e seus locais preferidos para convivência.

As duas instituições que permitiram a entrada da pesquisadora e o contato com o idoso foram: Vila do Sol e Casa São Luiz. A Instituição Vila do Sol está localizada no bairro de Botafogo, zona sul da cidade do Rio de Janeiro e a Casa São Luiz no bairro do Caju, zona portuária da mesma cidade. Todas as visitas às instituições foram acompanhadas por funcionárias que teceram observações sobre as condições arquitetônicas do local e o comportamento do idoso nesses ambientes. Essas observações foram muito úteis, pois foram expressas por pessoas jovens que lidam diretamente com os idosos, enriquecendo a percepção da pesquisadora e, indiretamente, passaram a fazer parte do presente trabalho ao serem incorporadas ao repertório de conhecimentos.

Como ferramenta de pesquisa de campo foi elaborada uma entrevista semiestruturada baseada no instrumento BOAS<sup>5</sup> – *BRAZIL OLD AGE SCHEDULE* (BOAS) (VERAS & DUTRA, 2008), específico para pessoas idosas. As entrevistas anônimas aconteceram com os idosos escolhidos pelas instituições dentre aqueles considerados lúcidos e que desejaram participar da pesquisa. Alguns curiosos, tanto idosos como funcionários, se interessaram querendo saber do que se tratava e, em algum momento, esses idosos participaram da pesquisa, embora quando da comunicação da casa sobre o trabalho não tivessem se mostrado disponíveis. Houve a necessidade de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma obrigatoriedade brasileira de pesquisa com humanos e, dessa forma, só foram consideradas válidas as entrevistas com quem se dispôs a assinar o TCLE.

Tendo como base os atributos de qualidade sugeridos por Coelho (2000); foram selecionados para análise, no presente trabalho, os ambientes de convivência (convivialidade) tanto internos como externos, uma vez que vínculos sociais qualificam a vida das pessoas. As reflexões levam em conta os aspectos relativos à *segurança* do ambiente e sua *adequação de uso* (espaciosidade) uma vez que nem sempre há locais exclusivos para algumas atividades propostas. As entrevistas foram feitas entre setembro e dezembro de 2011 com nove idosos, dentre os 33 moradores da Vila do Sol e doze idosos, dentre 120 possíveis, na Casa São Luiz.

---

5 A ferramenta BOAS foi elaborada por Renato Veras, em seu doutoramento na Inglaterra, em 1986, para inquéritos comunitários com idosos, sendo utilizado em muitos estudos com a população idosa no Brasil. Encontra-se disponível no site: <<http://www.crde-unati.uerj.br/downloads/downloads.htm>>.

## VISITA EXPLORATÓRIA – O OLHAR DA PESQUISADORA

A visita exploratória é o primeiro contato do pesquisador com seu objeto de estudo. As pesquisas de qualidade ambiental através da abordagem experiencial são relatos das sensações percebidas no ambiente a ser pesquisado e implicam no entendimento de um mundo a ser contemplado segundo critérios do próprio pesquisador (RHEINGANTZ & FONSECA, 2009). No primeiro contato com o ambiente, o ideal é não haver preconceitos, deixando-se o pesquisador influenciar pelo ambiente. Esse primeiro olhar permite a observação da utilização do ambiente, do caminhar do idoso, sua maneira de sentar, o lugar escolhido por ele naquele momento. Sommer & Sommer (1997) dizem que a observação direta e sistemática permite entender os comportamentos das pessoas envolvidas na situação e, assim, buscou-se, pelo comportamento dos moradores e funcionários, conhecer a adequação do ambiente aos diversos usos, quanto a sua iluminação, sons e cheiros presentes, enfim, elementos que chamaram a atenção naquele momento.

As duas instituições possuem dimensões bem diferentes. A Vila do Sol é uma instituição pequena que abriga até 36 idosos saudáveis em quartos individuais ou para casais, enquanto a Casa São Luiz abriga até 224 idosos<sup>6</sup> em quartos individuais ou duplos, podendo ser ocupados por casais ou pessoas que passam a se conhecer com a coabitação. As duas casas contam com vários ambientes de convivência, e, nas duas, havia sempre idosos nos jardins, varandas e salas. No curso da pesquisa, foi observado que os profissionais que lidam com os moradores estimulavam o uso dos locais de convivência para promover as relações entre os idosos e procurar eliminar a depressão, embora a escolha do ambiente fique a cargo dos próprios moradores. A varanda na Vila do Sol ou o pátio central com jardim e varanda na Casa São Luiz eram os principais locais escolhidos para permanência.

Na Vila do Sol, os idosos estavam entretidos em suas tarefas, lendo, olhando a paisagem, bordando, mas poucos conversavam entre si. Nessa casa, situada no bairro de Botafogo, alguns idosos saem durante o dia, uma vez que o entorno oferece oportunidades aos moradores de continuarem fazendo suas tarefas, como ir a bancos, médicos, sem necessidade de grandes esforços, a pé ou através de transporte público; outros, entretanto preferem permanecer em seus quartos. A casa é formada por um único edifício de quatro andares e, assim, os locais de convivência estão localizados em dois pavimentos com pouca área ao ar livre. No térreo a varanda coberta permite encontros, contemplação, leitura e a prática de atividades coletivas como, ginástica, ioga, jogos, atividades mentais e/ou físicas

---

6 São aceitos idosos com doenças próprias da idade e a casa conta com equipamento de manutenção de vida.

(fig. 1). O jardim não permite que se adentre em função de sua acentuada declividade. O local mais usado como solário é ao fundo do estacionamento. No segundo piso estão as salas de TV; estar, jogos, leitura e música em um único ambiente. Nesse pavimento há uma pequena varanda com algumas plantas, cuidadas por um morador, mas a falta de cadeiras ou bancos não convida à permanência.

A sala de refeições, no segundo piso, tem mesas individuais próximas às paredes, em função das diferentes dietas, não permitindo a interação durante a refeição o que também torna o ambiente muito grande visualmente. O espaço vazio no centro torna-se adequado para lanches coletivos e *festinhas* de aniversário, e só está disponível para uso no horário das refeições.



Fig. 1 – Varanda coberta no térreo – local de convivência em ambientes internos.  
Fonte: arquivo pessoal

Os ambientes de convivência não estavam cheios e foram dimensionados para o número de pessoas que os ocupavam. Os pisos são todos nivelados, planos, não há surpresas ao caminhar, a circulação vertical é feita preferencialmente através de elevador, embora a escada seja confortável e com iluminação e ventilação natural. A sensação percebida na casa é de um local onde os hóspedes pouco se falam. Apesar dos ambientes propícios à conversa e convivência não há interação entre os idosos.

Na Casa São Luiz foi percebida maior integração entre os moradores, talvez por serem em maior número. Alguns conversavam na varanda, jardim ou mesmo na cantina. Havia aqueles que liam ou apreciavam a paisagem, tanto no pátio central como nas generosas varandas dos andares, outros, entretanto estavam em seus quartos. A instituição é formada atualmente por quatro prédios, com diversos tipos de unidades, que envolvem um pátio interno descoberto e ajardinado (fig. 2).



*Fig. 2 – Desenho esquemático de planta de implantação da Casa São Luiz com destaque para o pátio interno.  
Fonte: Desenho de Natália Corrêa e Castro.*

Nas áreas comuns, são vários os ambientes internos, externos e cobertos ou descobertos onde os idosos podem permanecer, pegar sol, estar a sós ou na companhia de outros. Esses lugares podem ser salas de estar (fig. 3), com cadeiras, sofás e mesas; a de TV/vídeo; a sala de estar com piano, e; em edificações separadas como a biblioteca (fig. 4), a cantina e a capela. A capela foi sempre muito elogiada como um ambiente de paz, mesmo por aqueles que não seguem a religião católica. Há idosos que fazem da ida à capela uma de suas atividades diárias.



*Fig. 3 – Sala de estar.  
Fonte: arquivo pessoal*



*Fig. 4 – Biblioteca  
Fonte: arquivo pessoal*



As generosas varandas, tanto as térreas como as dos andares, são um dos pontos de encontros preferidos dos residentes, e podem ser *decoradas* criando locais de estar (fig. 5) ou de contemplação, principalmente para aqueles com menos mobilidade ou mesmo como ponto de referência para a unidade. O pátio interno, ajardinado (fig. 6), local preferido dos idosos, que com seus vários ambientes se torna um lugar muito agradável e ameno, conta com canteiros de plantas, lagui-nho, viveiro de pássaros, gruta e circuito para exercício físico. O jardim apresenta piso irregular que permite a alguns idosos testar seu equilíbrio, mas há sempre uma opção de rota segura, com piso nivelado e corrimão, além de cobertura.



Fig. 5 – Varanda nos andares.  
Fonte: arquivo pessoal



Fig. 6 – Pátio ajardinado.  
Fonte: arquivo pessoal

## SEGURANÇA

Na Vila do Sol, os ambientes de convivência são interiores, com pisos nivelados. A diferença de material ou cor dos pisos foi comentada como favorável, pois delimita os ambientes e os idosos costumam andar olhando muito para o chão para evitar tombos e acidentes. O acesso aos andares é feito através de elevador, sendo relatado por uma idosa o uso da escada para vencer um pavimento como um ótimo exercício. Faz falta alguma identificação nos andares, uma vez que todas as circulações são iguais e de mesma cor. Essas circulações possuem corrimão de cor contrastante o que facilita o andar para quem necessita de apoio, mas como as portas das unidades se abrem para a circulação, quem utiliza o corrimão precisa de atenção para não sofrer um acidente. O mobiliário variado satisfaz aos moradores, com cadeiras e poltronas confortáveis e de fácil utilização. O jardim com grandes árvores frondosas não permite a circulação em seu interior devido à declividade do terreno, mas os moradores não comentam essa questão, podendo-se concluir que para eles esse espaço representa mais um ambiente de contemplação do que um lugar onde desenvolvam alguma atividade.

Foi comentado que o ambiente ecumênico traz paz, e aos sábados é rezada missa católica no local, o que agrada a quem quer participar. Nessa instituição, não há um ambiente com forte caráter aglutinador, o que é percebido pela pouca convivência entre os idosos, que geralmente estão fora da casa, o que sugere que a localização e a permissão de livre saída e entrada, para esses idosos, é importante. Outros estão nos quartos entretidos com seus afazeres, mas, pelo que se depreende das entrevistas, não se sentem solitários, pois é permitido ter objetos pessoais como máquina de costura ou de tricô. A possibilidade de poder levar seus móveis e objetos, mesmo elétricos ou que demandem instalação diferenciada é muito elogiada.

Na Casa São Luiz, há a valoração das áreas de convivência e existem diversos ambientes internos; são salas com piano, mesas, que permitem um jogo de cartas ou de tabuleiro, sofás e poltronas, enfim uma grande sala com vários ambientes organizados de maneira a promover o encontro ou permitir a quem quer ficar fora de seu quarto não ser incomodado. Há inclusive uma biblioteca em edificação separada. O mobiliário é variado, o piso em sua grande maioria em cerâmica escura nas circulações das varandas e clara no restante da instituição é compatível com a idade dos moradores. Nos interiores da unidade (quartos) a pintura tanto pela cor ou padrão é de escolha do morador, fato sempre elogiado. Há a possibilidade de pregar quadros ou objetos nas paredes, o que permite ao idoso conviver com suas memórias. Grande parte das paredes nas circulações tem corrimão em cor contrastante, piso liso e com detalhes que identifiquem mudança de plano. Não há controle automático de abertura de portas, mas estas são fáceis de manejar.

A acessibilidade permite acesso indiscriminado aos ambientes, mas propõe alguns desafios a quem quer se testar nos pisos em pedra, não nivelados, texturas diferentes e percursos mais longos. Nos caminhos com alguns degraus, foi comentado por familiares encontrados, ser um “problema” quando o idoso “cisma” em subir ou descer os degraus e “trava”. Em todas as situações há rotas alternativas. Os ambientes externos convidam ao uso, embora, quando chove, a opção de vários ambientes em uma sala ou, se possível, várias salas, permite que os idosos usufruam deles com satisfação.

## A VISÃO DOS MORADORES

### VILA DO SOL

Os moradores da Vila do Sol têm na varanda o *local de convivência* escolhido pela maioria para passar suas horas. É nesse ambiente que acontecem algumas atividades e foi o lugar lembrado pela maioria como o ambiente “público” mais

agradável e o mais utilizado. A sala de estar, recentemente reformada por sugestão dos moradores, e sem a TV, é utilizada depois do jantar para conversar ou escutar alguém tocar piano. O local da mesa de jogos, o carteadado, é o mais concorrido, inclusive após o almoço, quando boa parte dos moradores se dirige aos quartos para descanso e um grupo de quatro idosos inicia “os trabalhos”, como dito por um morador. A sala de TV é separada, o que agrada à maioria, que não vê TV, por ser um local muito solitário; nesse ambiente as pessoas não se falam e uns acabam dormindo, visão desagradável a muitos. O refeitório (apesar de ser utilizados em todas as refeições) é lembrado pelas comemorações e festinhas de aniversário. O jardim só foi lembrado por dois idosos, um dos quais cuida dele com prazer.

Todos disseram que têm privacidade, mesmo nos locais comuns: “é só ficar quieto, em silêncio, que os outros já sabem que não quero conversar”. Os ambientes onde recebem as visitas são o quarto e a varanda, e o ambiente de que menos gostam, segundo duas idosas, é o *hall* da TV: “tem muita fofoca com um ajuntamento de pessoas”, ou “ambiente constrangedor, você vê pessoas dormindo ou vendo TV sem se falar”. Enquanto os outros entrevistados disseram que gostam de todos os ambientes; é fato mostrado na literatura que o idoso procura se adaptar ao ambiente em vez de propor alterações.

Na entrevista, havia uma pergunta aberta: “Sua casa é...”, cada um respondeu de uma forma, e as respostas positivas foram em maior número (sete). Há relatos como o de uma senhora que não queria morar junto a outros velhos, mas depois de alguns meses se refere à casa como: “Encontrei o que queria, convivo com pessoas idosas com manias semelhantes às minhas, foi muito bom vir para cá”. Outros comentaram a preocupação da direção da casa de alterar as funções dos ambientes pela solicitação dos moradores. A resposta considerada negativa foi: “Boa e um pouco constrangedora; é constrangedor ver ‘velhos’ sós, mas juntos”. O que não inclui propriamente arquitetura, mas a sensação negativa da ambiência promovida pelas questões inerentes ao envelhecimento.

#### CASA SÃO LUIZ

Os vários *ambientes de convívio* presentes na instituição foram um dos pontos positivos para a escolha da casa como moradia, pois possibilitam o encontro com outros moradores ou mesmo permitem a oportunidade de isolamento, sem necessariamente estarem em seus quartos. O bairro do Caju não é de fácil acesso, nem conta com serviços e comércio próximos, então o ambiente interno é muito importante para o bem-estar dos idosos. O local de estar mais citado durante a entrevista foi a varanda dos andares, que funciona como generosa circulação e ambiente de estar (fig. 7) que no térreo abre-se para o pátio, permitindo ao idoso que não queira

ir ao jardim usufruir a vista, e ao mesmo tempo ter contato com o dia. Nos andares a varanda pode ser usada como local de relaxamento, leitura ou simplesmente contemplação. É usada pelo morador como área externa de sua unidade, como local de estar ou indicando a porta de seu quarto, o que permite o fácil reconhecimento de sua unidade. É um local importante para sete dos entrevistados. A possibilidade de ter uma parada para descanso no percurso de seu quarto ao elevador também agrada a quem possui pouca mobilidade.



*Fig. 7 – Varandas na Casa São Luiz como locais de convívio.  
Fonte: Arquivo pessoal, dez. 2011.*

A lanchonete é outro ambiente que promove o encontro prazeroso, estimula a troca de informações e experiências, mas torna-se local apenas de alguns, pois o que é consumido não faz parte da alimentação regular da casa. O agradável do lugar são as mesas e cadeiras, que oferecem um ambiente para conversas, possibilitando escrever e também ler. Mesmo como edificação separada, não é isolado, pois a todo o momento entra alguém.

Na biblioteca há uma atividade de leitura, na qual uma pessoa da casa ou mesmo um idoso lê textos que depois são comentados. Em relação à biblioteca, houve um relato interessante de uma moradora. Ela não gosta de morar na casa, diz que foi “raptada”, mas ao saber da biblioteca passou dias na organização dos livros, o que lhe deu a oportunidade de conhecer o acervo e se adaptar melhor.

O convívio é estimulado pela proposta de diferentes atividades não obrigatórias. Na casa há moradores antigos e estes contaram que antigamente havia um jornalzinho feito por eles, aulas de artesanato ou mesmo de música, a casa era muito mais animada. Existe um local para representações e apresentações que conta com a participação dos idosos, tanto na montagem como na organização da atividade, permitindo a valorização de determinadas pessoas com mais interesse em viver e animando os mais propensos à depressão. A respeito da privacidade,

sete pessoas responderam por monossílabos, dois disseram não ter privacidade, enquanto cinco responderam que sim, que têm privacidade, inclusive dois que moram em quartos duplos. Os outros explicaram a resposta afirmativa dizendo que, “apesar de morar só, sua porta está sempre aberta”, e um idoso disse que vai sempre conversar, “ficar só não é bom”. Outro ainda disse que se quiser “ficar sozinho é só se isolar – em qualquer lugar”. A prática de exercícios ao ar livre também é um fator lembrado pelos idosos que pode acontecer ao redor dos jardins, onde os exercícios são explicados em impressos em tabuletas e podem ser feitos no momento que quiserem e na quantidade que lhes for agradável.

À pergunta aberta “Sua casa é...” cada um respondeu de uma forma, e da mesma maneira que na residência anterior, a maioria (dez idosos) gosta da casa, embora dois dissessem não gostar. Algumas frases que resumem o exposto são: “Ótima, aqui vivi de novo, é milagrosa”; “Repousante, tranquila, um ambiente luminoso – um hotel quatro estrelas”; “As coisas de que gosto me acompanham, e assim a casa é ótima” esta última é relacionada à possibilidade de ‘decorar’ seu quarto com seus móveis e pertences.

## APROPRIAÇÃO DOS AMBIENTES

Questões sobre a vegetação, apesar de lembradas por moradores da Vila do Sol, tiveram na Casa São Luiz grande destaque, sendo comentada a mudança das cores nas folhagens, da floração de determinadas plantas e seu aroma e nesse aspecto as diferentes estações do ano são reconhecidas. A presença de pássaros é comentada pelo canto, mas não por todos, alguns só os percebiam quando chamados à atenção. Outros se lembravam dos peixinhos do lago, e da tristeza quando algum morria. Um idoso lembra que “algum dia também vamos”.

Questões de conforto ambiental foram relatadas como plenamente satisfatórias. As visitas às casas aconteceram na primavera e no verão, e não foi visto um só aparelho de ar condicionado nos ambientes comunitários. Havia ventiladores, muito poucos ligados. “É sempre fresco”, segundo alguns idosos, inclusive nos dias mais quentes, uma vez que as casas contam com ventilação cruzada, pé direito alto e na casa São Luiz as janelas são em venezianas de madeira, que impedem a entrada do sol e facilitam a circulação do ar. Contra o excesso de luminosidade há cortinas. Alguns comentaram sobre o barulho que as folhas das árvores fazem em dias de ventania, mas fechando a janela ele “vai embora”. O barulho de trânsito, pela localização das casas, é imperceptível, e nenhum idoso reclamou dos barulhos do cotidiano. No quesito segurança, há tela protetora em todas as janelas dos

ambientes na Vila do Sol o que não acontece na casa São Luiz, e os peitoris têm entre 1 m e 1,20 m, mas não foi relatado nenhum acidente, mesmo na casa São Luiz onde há desníveis no jardim.

A visão dos caminhos, tanto do piso como do percurso a ser feito, foi item elogiado, quando a pessoa sabe para onde vai e onde termina seu percurso, sente-se mais segura. Nas duas casas, os idosos não se sentem perdidos, mesmo na Casa São Luiz, onde os vários prédios poderiam promover essa desordem mental em quem não está muito familiarizado. São eleitos detalhes que lhes chamam a atenção para seu prédio ou uma referência em relação ao andar e seu quarto. Os locais de parada encontrados nas circulações são também lembrados como pontos de apoio para quem tem dificuldade de locomoção. As referências relatadas foram: uma planta, após a gruta, à direita do jardim, depois do “estar da D. Odete”, o corredor depois da sala do piano; enfim, cada um tem um elemento como referência.

Nas áreas livres e de convivência, assim como nos ambientes individuais (privados), a facilidade de acesso e locomoção foi considerada muito boa pelos entrevistados. Não foram relatados casos de constrangimento em função da possibilidade de visão externa dos quartos ou das áreas de convivência por pessoas externas ou não pertencentes às instituições. Ao chegar, alguns idosos estranharam a presença constante de alguém da casa ou cuidador em todos os lugares aonde iam ou por onde passavam, mas com o tempo se acostumaram e acabaram percebendo sua importância, principalmente ao conversar com amigos que sempre relatam algum caso divertido acontecido na casa ou de socorro em algum momento de aflição. Mesmo nas áreas externas, a permanência de uma pessoa só, lendo ou meditando, é respeitada por outros idosos ou cuidadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas entrevistas, percebe-se a preocupação dos responsáveis pelas instituições com a manutenção constante das casas e na acolhida de algumas sugestões dos hóspedes. Nesse sentido, a existência de um arquiteto como consultor poderá contribuir com ambientes novos e de acordo com a vontade e necessidade dos moradores, além da incorporação de materiais adequados às deficiências em função da idade.

Em consequência das casas terem sido implantadas antes do grande desenvolvimento urbano em seus bairros, a questão da disponibilidade de área livre, jardins e a incorporação da luz natural nos ambientes é um fator de qualidade. Muitas vezes, entretanto, isso não pode ser conseguido em locais já consolidados. Alterar uma edificação existente exige grande soma de capital disponível. Áreas

livres e varandas foram todas elogiadas e são bastante utilizadas pelos moradores. Dessa forma, é um item importante a constar de novos projetos. Perceber a passagem do tempo, das estações e o próprio contato com a natureza traz o conceito de continuidade ao idoso, que o alimenta ao viver. Mesmo os ligeiros desníveis se apresentam como positivos ao sugerir desafios.

Uma questão que é colocada em relação à moradia em Casas de Longa Permanência para Idosos é a valoração negativa das residências exclusivas que, além do cultural, vem do fato da institucionalização da velhice como prática assistencialista. No Brasil, as políticas públicas de saúde têm preconizado o envelhecimento saudável e independente e está sendo feito um trabalho no intuito de transformar a imagem destas instituições de maneira a permitir que tenham um perfil variado, adequando-se aos anseios de seus moradores e de suas famílias. Em contato direto com os moradores, são poucos os que realmente se sentem felizes, só aqueles que desejavam morar em uma instituição, mas a grande maioria se diz satisfeita, principalmente os menos favorecidos.

A maior parte dos idosos entrevistados dirigiu-se a essas instituições por vontade própria e mora onde escolheu em função de seu estilo de vida. Alguns, ao falar sobre as casas, disseram que moram onde gostariam e que estão fazendo o que escolheram ou mesmo sonharam para seu final de vida. Um senhor carente disse que hoje mora melhor do que antes de ser residente na instituição e outros com perfil diferente se referem à casa como “um paraíso” ou mesmo “um hotel quatro estrelas”. Aqueles que não possuíam um ambiente próprio e mesmo aqueles cujas famílias poderiam abrigá-los gostam de morar onde se sentem sem “dever favores” e elogiam os amplos ambientes e sua diversidade. Comentam da facilidade de locomoção e mesmo da necessidade de agirem por conta própria em suas atividades cotidianas, mostrando que a residência acessível lhes permite viver sem a necessidade de ajuda constante.

A instituição, passando a incorporar a qualidade arquitetônica, traduzida na materialização do desejo do morador, mostra que o valor negativo presente na mente de muitos deixa de ser uma realidade cruel tornando-se uma possibilidade de moradia digna. Espaços amplos, arejados, bem iluminados, onde podem ser realizadas atividades que permitem tanto o convívio como a privacidade, locais arborizados, floridos que acolhem também pássaros e borboletas representam a continuação da vida e fazem dessa tipologia um lugar de qualidade. Manter o idoso ativo através de desafios propostos pelo projeto como um pequeno trecho com escadas, piso irregular assim como a possibilidade de atividades diversas pode proporcionar uma velhice ativa e saudável.

Nas duas casas, o atendimento personalizado foi lembrado a todo momento. A arquitetura permite que esse atendimento se dê de maneira tranquila, em que o hóspede pode ser “vigiado” sem ter essa sensação, mas se precisar tem sempre alguém para ajudá-lo. Há, em todos os ambientes de convivência, locais onde os cuidadores podem permanecer sem obrigatoriamente estar ao lado do idoso. As circulações, na Casa São Luiz, permitem a visão para o interior dos ambientes de estar, e as varandas como passagens obrigatórias possuem locais para sentar, uma pausa para descansar no longo percurso.

O ambiente ecumênico atrai a todos, e mesmo os que não se dizem “religiosos”, pois se sentem acolhidos. Alguns idosos têm na ida à capela uma atividade cotidiana, e toda atividade é bem-vinda para provocar mudanças e possivelmente impedir a depressão. Na Vila do Sol, a capela está localizada próximo ao refeitório e às salas de estar e, na Casa São Luiz, é uma edificação isolada, no pátio de acesso à Casa, permitindo a chegada por meio de rampa.

Por questões administrativas, as refeições na Casa São Luiz são servidas nos quartos, o que promove um rebuliço na hora do almoço, com a ida dos idosos para seus aposentos. É um fator positivo para alguns, representa uma movimentação obrigatória, mas para outros não há a obrigação de sair para comer, e isto pode se refletir em não se arrumar. O mesmo rebuliço acontece na Vila do Sol, com o acesso ao refeitório. Os idosos, de maneira geral, não comentaram sobre a TV, só alguns se referiram à programação noturna, e nas duas casas eram poucos os que assistiam à TV na sala coletiva ou em seus quartos. A maioria prefere ficar em locais abertos, cobertos ou não. Em setembro, no Rio de Janeiro a temperatura média é entorno de 25°C, agradável para se estar ao ar livre ou em uma varanda, não chove muito e também não é comum o vento forte.

Nos dois exemplos analisados, a alteração constante, ao invés de trazer confusão mental, agrada a todos, tanto idosos como os funcionários. Sentem como um ‘novo ar’ que passa pela instituição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCANTARA, Denise de. *Abordagem experiencial e revitalização de centros históricos: os casos do corredor cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego*. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2008. Tese de doutorado.
- ALCANTARA, Denise de; BARBOSA, Alexandre & RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Percursos à deriva na investigação do lugar: o caso do corredor cultural. *Anais NUTAU*. São Paulo: USP, 2006, p. 103-115.



- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 9050 acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Revisão em 28 abr. 2008 2ª Ed. Disponível em: <<http://www.mpdft.gov.br/sicorde/NBR9050-31052004.pdf>>.
- BIANCHI, Siva Alves. *Qualidade do Lugar nas Instituições de Longa Permanência para Idosos – Contribuições Projetuais para Edificações na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2013. Tese de doutorado.
- CARLI, Sandra Maria M. Perito. *Habitação Adaptável ao Idoso: um método para projetos residenciais*. São Paulo: FAU/USP, 2004. Tese de doutorado.
- COELHO, António Baptista. *Qualidade arquitectónica residencial. Rumos e factores de análise*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Entre a casa e a cidade, a humanização do habitar*. Porto: Dafne, jul. 2009. Disponível em: <[www.dafne.com.pt](http://www.dafne.com.pt)>. Acesso em: jul. 2013.
- LEE, Terence. *Psicologia e meio Ambiente*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- LEI Nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. *Política Nacional do Idoso*. Brasília. Disponível em: <<http://www.sbggrj.org.br/Biblioteca/publicacoes/Politica-Nacional.pdf>>.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Estatuto do Idoso*. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Série E, Legislação de Saúde. 1. ed., 2. reimpr. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.sbggrj.org.br/Biblioteca/publicacoes/Politica-Nacional.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2010.
- RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005. *Resolução da Diretoria Colegiada Anvisa*. Disponível em: <<http://www.ciape.org.br/resolucao0383.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2010.
- REIS CABRITA, A. M. *O homem e a casa: definição individual e social da qualidade da habitação*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1995.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro; BRASILEIRO, Alice.; ALCANTARA, Denise de & QUEIROZ, Mônica. *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2009. <[http://www.gae.fau.ufrj.br/arq\\_pdf/public/obs\\_a\\_qua\\_lugar.pdf](http://www.gae.fau.ufrj.br/arq_pdf/public/obs_a_qua_lugar.pdf)>.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso & FONSECA, Juliane Figueirido. *Observando a Qualidade do Projeto e do Lugar*. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, São Paulo, 2009.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso & PEDRO, Rosa. *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos*. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2012.
- SCHWARZ, Benyamin & BRENT, Ruth. *Aging, autonomy, and architecture: advances in assisted living*. Maryland: The John Hopkins University Press, 1999.
- SOMMER, Robert & SOMMER, Barbara. *A practical guide to behavior research: tools and techniques*. Nova York: Oxford Press, 1997.
- VERAS, Renato & DUTRA, Sidney. *Perfil do idoso brasileiro: questionário BOAS*. Rio de Janeiro: Uerj/UnATI, 2008.

Recebido em 30.09.2014

Aceito em 10.12.2014